

## **A IMPORTÂNCIA DA TRADIÇÃO ORAL EM *THE MAN MADE OF WORDS*, DE SCOTT MOMADAY, OU A PALAVRA COMO EPIFANIA**

### **THE IMPORTANCE OF THE ORAL TRADITION IN *THE MAN MADE OF WORDS*, BY SCOTT MOMADAY, OR THE WORD AS EPIPHANY**

ANA MARIA MARQUES DA COSTA PEREIRA LOPES <sup>1</sup>

ZAIDA MARIA LOPES PINTO FERREIRA <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu – Portugal.

(e-mail: anacostalopes@esev.ipv.pt)

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Seia do Instituto Politécnico da Guarda – Portugal.

(e-mail: zaidapinto@jpg.pt)

#### **Resumo**

Para o sujeito euro-americano, o Mundo é feito de pares binários dicotómicos (começando, desde logo, com a oposição binária entre o Bem e o Mal), sendo que é a própria Linguagem que antecipa essas dicotomias, desencadeadas, desde logo, pela distinção, a cisão, entre significante e significado. Para o sujeito nativo-americano, por outro lado, o Mundo é feito de dialéticas, de intercessões e interdependência entre diferentes elementos que, estando todos imbuídos de sacralidade, se conjugam harmoniosamente, dando origem a um universo uno, holístico. É à luz destes pressupostos que deve entender-se a obra *The Man Made of Words*, de Scott Momaday. Na coletânea em apreço, a palavra é entendida como a génese, o sopro espiritual que funde significante e significado, a qual, transmitida de geração em geração, graças à preservação de uma tradição oral, dá vida a uma mundividência que permite ao sujeito ultrapassar ruturas e fragmentações, identificando-se com a Cultura e tradições do seu povo.

**Palavras-chave:** Homem, a palavra como epifania, subjectividade nativo- americana, identidade, tradição oral.

### **Abstract**

For the Euro-American subject, the world is made up of dichotomous binary pairs (starting out with the binary opposition between Good and Evil), and it is language itself which anticipates these dichotomies, at once brought about by the distinction, the split between signifier and signified. For the Native American subject, on the other hand, the Earth relies on a dialectics, an intersectedness and interdependence between different elements, all of which are imbued with sacredness, harmoniously combining, giving rise to a unified, holistic universe. It is in the light of the aforementioned assumptions that the work *The Man Made of Words*, by Scott Momaday ought to be understood/viewed. In the collection at issue, the word is understood as the genesis, the spiritual breath which enables signifier and signified to merge. Thenceforward, it is handed over from generation to generation, thanks to the preservation of an oral tradition which gives birth to a worldview that allows the individual to overcome disruptions and fragmentations, and identify with the Culture and traditions of his people.

**Keywords:** Man, the word as epiphany, Native-American subjectivity, identity, oral tradition.

### **Nota Prévia**

Cumpre referir que o presente texto está estruturado segundo uma característica inerente ao universo da Literatura Nativo-Americana, a circularidade e repetição, incomum ao universo literário da cultura Euro-americana, caracterizado pela sua linearidade e espírito dissecante e estruturante. Sentimos, à semelhança das narrativas de autores índios, a necessidade de reiterar conceitos, ideias, temáticas, pois, à semelhança da teia da vida em que estamos imersos, todos eles fazem parte de uma grande urdidura em que os diferentes fios que a compõem se tocam, se interpenetram e cruzam de forma indelével, de modo que, ao tocarmos num deles, estamos a atingir todos os outros. Para além disso, a metodologia adotada molda-se à matéria em análise, que é de natureza circular, não se achando conveniente espartilhá-la numa metodologia de análise “quadrada”.

## 1- Introdução

*The Man Made of Words* é uma coletânea memorável de ensaios e artigos, histórias alegóricas e reminiscências autobiográficas, na qual Scott Momaday dá continuidade à tradição oral e incentiva os nativos Kiowa, Jemez, Navajo, entre outros, a reclamar os seus territórios, a abraçar e celebrar as suas tradições autóctones.

A obra encontra-se dividida em três partes distintas, abarcando diferentes textos. Na primeira parte, cujo título “The Man Made of Words” é homónimo ao próprio título da coletânea, Momaday discute temas como o poder da linguagem, a preservação da tradição oral, a relação da ficção escrita com as narrativas orais, o poder sagrado, curativo e regenerador da palavra, o tratamento ético da terra americana, as relações conflituosas e por vezes sangrentas entre Índios e Brancos e, por fim, o genocídio dos Índios. Na segunda parte, “Essays in Place”, Momaday discorre sobre a natureza dos locais que visitou, desde a Rússia, Bavaria, Granada, planícies americanas até ao Novo México, local da sua infância. Na terceira e última parte, “The Storyteller and his Art”, Momaday procede a uma revisão do seu conceito de história oral e da sua importância para o desenvolvimento integral do Índio, recorrendo a textos curtos para expor a sua perspetiva:

We have no being beyond our stories. Our stories explain us, justify us, sustain us, humble us, and forgive us. And sometimes they injure and destroy us. Perhaps the greatest stories are those who disturb us, which shake us from our complacency, which threaten our well-being. It is better to enter the danger of such a story than to keep safely away in a space where the imagination lies dormant. (Momaday, 1997: 169).

## 2- A “odisseia” de Momaday

Logo na introdução à primeira parte, Momaday evoca uma fala de Ulisses, o protagonista da *Odisseia*, de Homero, para construir a ideia de que a partida e a chegada são pontos e momentos imprescindíveis na constante “odisseia” do sujeito. Ulisses simboliza o sujeito em busca de si mesmo, sem raízes e ligação a um determinado local: “*I belong in the place of my departure, says Odysseus, and I belong in the place that is my destination*” (Momaday, 1997: 111, ênfase original). Só com este espírito é que a viagem, isto é, a demanda é possível. Ulisses, depois de vitórias e derrotas, regressa à sua Ítaca, tal qual o Índio que retorna sempre à terra que o viu nascer.

À semelhança de Ulisses, o próprio autor, Scott Momaday, parte num périplo por diferentes locais e países, num círculo sagrado, começando por Oklahoma, o local da sua **origem** e dos seus antepassados, passando depois por diferentes países e, por último, regressando à sua infância, às cores vivas e ao cenário espiritual do Novo México. O

escritor, como representante do Índio, anseia por regressar ao local onde vagueiam os espíritos dos antepassados, ao reencontro dos sons da sua memória. Daí que, aquando da sua estadia na Rússia, a linguagem escrita se tenha tornado, para Momaday, um meio para estar perto da sua terra, do Sudoeste americano, conforme relata: “I also found myself writing about my homeland, the Southwest – perhaps as a kind of therapy. I wrote the poem that I dedicated to Georgia O’ Keeffe (“Forms of the Earth at Abiquiu”) there, for example, and it is very much an evocation of the Southwest” (Bruchac, 1997: 100). O escritor nativo regressa à terra, ao repositório original da sua herança (que lhe confere força), porque, como diz, “I am much more concerned with my place within the context of my language” (Momaday, 1997: 111); e lhe permite compreender que “the more you depart from a given landscape, the greater the risk you run in losing your heritage” (Abbott, 1997: 20). Não houve, no caso deste escritor, rutura com a tradição oral porque nele perduram as raízes de uma herança viva, a qual é recordada e revivida através da sua imaginação, trazendo-o sempre de volta à sua origem. Momaday sublinha ainda a necessidade de se combater o desenraizamento do homem moderno relativamente ao seu local de origem, circunstância que se tornou “one of the great afflictions of our time, this conviction of alienation, separation, isolation” (Bruchac, 1997: 100). Para os nativos, cada local está impregnado de “espíritos de lugar” que, individual e coletivamente, santificam e conferem significado àquele solo e identidade ao nativo.

Deste modo, cada lugar trava um diálogo singular com os habitantes locais, através de uma linguagem própria, moldando-os e enraizando-os, como se cada um crescesse “into an understanding of language and through that to an understanding of [himself]” (Schubnell, 1997: 86-87). E é o narrador de histórias, a consubstanciação da voz da terra, da linguagem da natureza, “vista como a totalidade do solo, dos elementos atmosféricos, dos animais e plantas”<sup>1</sup>, que determina a natureza das histórias locais, revitalizando a tradição oral e contribuindo para a sobrevivência da cultura ancestral. Nada existe para os nativos à margem da natureza: “*Events do indeed take place; they have meaning in relation to the things around them*” (Momaday, 1997: 111, ênfase original).

### **3- Essays in place ou a apropriação do sentido de lugar**

É neste lugar geográfico e mítico (com os seus mitos de origem, os rituais, as cerimónias), repleto de infinitas possibilidades, que o *storyteller* se movimenta, de alguma forma apropriando-se da linguagem do lugar (Momaday, 1997: 112), conforme o autor sublinha no final da Introdução à parte dois “Essays in Place”.

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por João Paulo de Mancelos no artigo “A Língua do Invasor e a Língua da Poesia: Joy Harjo e o Desconforto da Linguagem.” *Hélio Osvaldo Alves: O Guardador de Rios*. (2005). Org. Joanne Paisana. Braga: Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho: 183-189.

No texto “Sacred Places”, Momaday celebra os locais sagrados dos seus antepassados e da sua infância. Imbuídos de grande misticismo e sacralidade, esses locais contribuem para o enriquecimento de um legado cultural. Neles se desenrolaram acontecimentos míticos, históricos e religiosos que são evocados em narrações orais, em cerimónias, em invocações, em rituais, razão pela qual esses lugares são alcandorados à categoria de santuários sagrados. Em nosso entender, trata-se de locais em que a mente do nativo, pronta a vivenciar experiências místicas, cede lugar ao coração e à alma, tornando-se una com tudo aquilo que a rodeia. Do exposto, é notória a preocupação do escritor em apelar à preservação desses espaços telúricos, sobre os quais não raramente paira a ameaça de subjugação aos interesses económicos da sociedade dominante, conforme se depreende desta observação de Momaday (1997: 116-117).

The sacred places of North America are threatened, even as the sacred earth is threatened. (...) We must also, and above all, take steps to preserve the spiritual centers of our earth, those places that are invested with the dreams of our ancestors and the well-being of our children. It is good for us, too, to touch the earth. We, and our children, need the chance to walk the sacred land, this final abiding place of all that lives. We must preserve our sacred places in order to know our place in time, our reach to eternity.

Já em 1970, aquando da apresentação oral do ensaio *The Man Made of Words*<sup>2</sup>, incluído na obra de 1997, Momaday advoga a necessidade de se desenvolver “a land ethic” para se travar a degradação galopante do meio ambiente: “We Americans must come again to a moral comprehension of the earth and air. We must live according to the principle of a land ethic” (1997: 49). Posteriormente, em 1983, numa entrevista, o escritor é perentório na afirmação de que, para ele, a relação do homem com a Terra é um dos seus temas favoritos. Num ensaio escrito durante a década de setenta, Momaday afirma mesmo: “ecology is perhaps the most important subject of our time. (...) not nearly enough is being done to protect earth from exploitation” (Owens, 1997: 180).

Deste modo, as forças interiores e exteriores que regem as vidas dos nativos, tanto para o bem como para o mal, estão refletidas nas suas narrativas orais, narrativas essas que funcionam, para o sujeito nativo, como uma espécie de espelho que lhe devolve a imagem tanto das sociedades ancestrais, como daquela onde ele se movimenta. É assim que a tradição oral, repleta de histórias contadas e recontadas ao longo de milhares de anos e, paulatinamente, fixadas pela escrita, constitui o acervo literário dos nativos americanos, o suporte da Literatura Nativa Contemporânea.

---

<sup>2</sup> O ensaio “Man Made of Words” foi apresentado pela primeira vez na Universidade de Princeton na 1ª *Convocation of American Indian Scholars*, em Março de 1970.

Focando-nos novamente na mundividência do próprio romancista, importa referir que, logo na Introdução à primeira parte, Momaday esclarece, referindo-se à língua Inglesa como veículo de expressão literária, que, desde muito cedo, se habituara a ouvir palavras em Inglês (e Kiowa), na reserva em Rainy Mountain Creek, dado que o pai e a mãe, embora de descendência Kiowa e Branca/Cherokee, respetivamente, utilizavam o Inglês para comunicar com os membros que compunham o agregado familiar<sup>3</sup>, como se lê no excerto que passamos a citar:

From the time I was born my parents spoke to me in English, for that was my mother's Native tongue, and she could speak no other (...). The house and the arbor of the homestead on Rainy Mountain Creek in Oklahoma crackled and rang with Kiowa words, exclamations and songs that even now I keep in my ear. But I would learn only a part of a whole, and I would never learn to converse easily in Kiowa. (...) My Kiowa family spoke to me in broken English, or their Kiowa words were translated into English for me by my father. Now when I hear Kiowa spoken – mostly by the older people who are passing away – it is very good. The meaning most often escapes me, but the sound is like a warm wind that arises from my childhood. It is the music of memory. (Momaday, 1997: 7, nossa ênfase).

Verifica-se que, apesar de Momaday não compreender na íntegra o significado das palavras em Kiowa, segunda língua para o escritor e para a geração indígena mais jovem, essa língua liga-o ao universo nativo do seu pai, à sua genealogia e ao universo do narrador oral de histórias. Kiowa é a língua da memória de uma comunidade, de uma tradição oral que Momaday tenta reconstruir, embora o faça, contraditoriamente, na língua que foi imposta aos nativos pelo colonizador. No entanto, o escritor sente, (à semelhança de vários autores índios, como Leslie Silko, Joy Harjo, entre outros), a limitação da língua inglesa para verbalizar os pensamentos e os sentimentos e para recrear os sons, as cores e os cheiros da natureza veiculados pelas histórias tradicionais orais. Todavia, o importante é resgatar as memórias dos anciãos e traduzi-las para que o narrador de histórias contemporâneo de origem Kiowa não deixe desaparecer o legado ancestral do seu povo:

When I was writing down the tales of *Rainy Mountain*, I was initially worried about that [translation]. What am I doing to these wonderful things in the oral tradition by freezing them into print? (...), I think that in getting the *spirit* of the

---

<sup>3</sup> Aproximadamente 200 línguas indígenas são atualmente faladas nos Estados Unidos da América, embora apenas 20 continuem a ser ensinadas em casa como primeira língua (Coulombe (2011). *Reading Native American Literature*: 29).

stories across and being as true as possible to the expression as it was given to me, it ended up by being eminently worthwhile. (Bataille, 1997: 59).

#### **4- A Literatura nativo-americana no contexto da História da Literatura dos Estados Unidos ou o magnetismo da palavra**

O sucesso das obras *The Way to the Rainy Mountain*, *The Man Made of Words*, *The Journey of Tai-me*, *The Names*, *The House Made of Dawn*, entre tantas outras, é bem elucidativo de que tem valido a pena o envolvimento de Momaday na preservação da história oral, de que são fiéis depositários os poucos anciãos que ainda sobrevivem nas comunidades nativas.

No texto intitulado “The Native Voice in American Literature”, Momaday reafirma a importância da presença da voz nativa na Literatura Norte-Americana, uma vez que a História da Literatura dos Estados Unidos estaria incompleta sem o seu conhecimento, valorização e estudo:

The native voice in American literature is indispensable. There is no true literary history of the United States without it, and yet it has not been clearly delineated in our scholarship. (...) The subject is formidable: the body of songs, prayers, spells, charms, omens, riddles, and stories in Native American oral tradition, though constantly and considerably diminished from the time of European contact, is large, so large as to discourage investigation. The tradition has evolved over a very long and unrecorded period of time in numerous and complex languages and it reflects a social and cultural diversity that is redoubtable. (Momaday, 1997:14)

De facto, estudar a História de uma Literatura significa conhecer não só os textos canônicos da mesma, mas também os textos à margem do cânone, que oferecem um panorama da Literatura produzida como um todo. No entanto, Momaday, na passagem citada, está consciente das dificuldades de se incluir a tradição oral no *corpus* da Literatura nacional devido à variedade de gêneros textuais indígenas, às línguas em que são produzidos, à diversidade das culturas nativas, além da escassez de especialistas e recursos para o seu estudo. Apesar dos obstáculos enumerados, Momaday “luta” pela inclusão da Literatura Nativo--Americana como parte integrante da Literatura Norte-Americana e constrói um discurso de resistência à subjugação ao canone ocidental. Para Momaday, “American literature begins with the first human perception of the American landscape expressed and preserved in language. *Literature* we take commonly to comprehend more than writing. (...) Oral tradition is the foundation of literature” (Momaday, 1997: 14, ênfase original).

Assim, Momaday apropria-se de elementos prosódicos e poéticos pertencentes à língua dos colonizadores, no sentido de inscrever a tradição oral nativa no espectro mais vasto da Literatura dos Estados Unidos, apoiando-se nas narrativas míticas, simbólicas e históricas veiculadas pelos anciãos, familiares e vizinhos na língua Kiowa, pelo próprio pai e fruto das suas experiências pessoais. Devido à sua educação, sempre em contacto com a tradição oral Kiowa, o escritor é muito meticoloso e rigoroso na escolha de palavras, sobressaindo na sua escrita os ritmos linguísticos herdados do seu povo: “their tone, their sonorousness, their rhythm, how they feel in the mouth” (Weaver, 2008: 81). Com subtilidade, Momaday molda as palavras em Inglês de modo a que se adaptem ao seu objetivo – a construção de uma ambiência Kiowa em que o seu povo é recordado e homenageado. Desta forma, através da palavra, o autor nativo pode (re)construir, ativar e proteger os territórios textuais, familiares e culturais do ataque socioeconómico e da desapropriação intelectual que tem vindo a suportar durante séculos. A imaginação, nas palavras de Momaday, “enables us to use language at its highest potential. It enables us to realize a reality beyond the ordinary; it enables us to create and to re-create ourselves in story and literature. It is the possible accomplishment of immortality” (Momaday, 1997: 2). É a palavra que nos contém, é a palavra que nos conduz até à perenidade. Em suma, as memórias contidas nas narrativas orais vão ficar para sempre registadas numa língua que, embora nada tenha a ver com a língua Kiowa, passa a ser um veículo poderoso e efetivo para que a atual geração transcultural possa projetar a sua tradição oral em vista dos tempos futuros.

Refira-se que Momaday, em todas as suas obras, com especial destaque para *The Man Made of Words*, assim como em inúmeras entrevistas, reitera que, na “alma” da tradição oral índia, está enraizada a crença profunda e incondicional na eficácia da linguagem e o caráter sagrado e mágico da palavra. No entanto, acrescenta, numa entrevista dada a Bruchac, que, ao longo dos tempos, existiram também outros povos conhecedores da força da palavra proferida. Em cada som, cada sílaba, cada letra está contida uma vibração poderosa, capaz de atuar tanto para o bem como para o mal:

Words are powerful beyond our knowledge. (...) And they are beautiful. Words are intrinsically powerful, I believe. And there is magic in it. Words come from nothing into being. They are created in imagination and given life on the human voice. You know, we used to believe – and I’m talking now about all of us, regardless of our ethnic background – in the magic of words. The Anglo-Saxon who uttered spells over his fields so that the seeds would come out of the ground on the sheer strength of his voice knew a good deal about language. (Bruchac, 1997: 103)



Por meio das palavras, o homem podia acalmar a natureza, melhorar a colheita, afastar o mal, libertar o corpo da doença e sofrimento, vencer o inimigo, aprisionar a pessoa amada, viver de forma adequada e aventurar-se para além da morte (Momaday, 1997: 15-16).

O escritor lamenta que a utilização da palavra como uma arte tenha sido desvalorizada nos tempos modernos, ainda que sobreviva através dos poetas e da arte da narração, daí que, para ele, a Literatura constitua o veículo mais precioso da condição humana ao trabalhar cada palavra de uma forma criativa, mágica, capaz de mudar o ouvinte e/ou leitor. Na sua perspectiva, “A writer should have that sense of wonder in the presence of words” (Morgan, 1997: 47). Na tradição nativa oral, pelo contrário, as palavras eram consideradas sagradas e, por isso, utilizadas com todo o respeito, porque “One who has only an oral tradition thinks of language in this way: my words exist at the level of my voice. If I do not speak with care, my words are wasted” (Momaday, 1997: 6). Momaday está totalmente enraizado nesta tradição; as suas palavras não são “multiplied and diluted to inflation” (Momaday, 1997: 7). Bem pelo contrário. Cada palavra em *The Man Made of Words*, na poesia, nas histórias, nos romances é escolhida pelo escritor com grande cuidado, de forma a produzir um forte impacto no leitor. O mesmo acontece na interação diária do escritor com o público; por exemplo, Joseph Bruchac, escritor e narrador de histórias, ficou impressionado com o modo de expressão de Momaday: “The voice with which he greeted me was warm and deep, the words spoken in a way which gave weight to each syllable” (Bruchac, 1997: 96). Também Bettye Givens (1997: 87) assevera: “Momaday speaks with a deep resonance using cultivated speech, for he cares as much about how language sounds as how his words look on the page”. De igual forma, os alunos que o entrevistaram para *Persona* não deixam de observar a reverência que o autor tem pela palavra: “a large, impressive man who speaks in a deep, rich voice that immediately makes you feel comfortable and aware that words are valuable things, that he does not spend them indiscriminately” (citado em Givens, 1997: 111).

Na verdade, a generalidade dos autores nativo-americanos considera que o poder da linguagem provém de uma força sagrada, de contornos panteístas, que dirige e dá forma às forças circundantes que governam a vida do indivíduo, da comunidade e a vida do universo. A palavra, nesta perspectiva, é portadora de magia, pois é através dela que se manipula o mundo. Por isso, Momaday, como os seus pares, sabem que a supressão e o progressivo desaparecimento das línguas índias constituiria uma irremediável perda. Já que a Língua é o repositório da Cultura e identidade de um povo, o desconhecimento das suas línguas ancestrais em prol da língua dos colonizadores, o Inglês, reduziria os índios para sempre a uma condição de silêncio, transformando-os em *não-sujeitos*, porque o seu processo identificatório teria sido truncado.

### 5- A importância do *storytelling*

O escritor acredita que a produção literária escrita é o produto final de um longo processo evolutivo, sendo que a tradição oral constituiu uma etapa relevante desse processo (Momaday, 1997: 8). As narrativas orais, validadas apenas pela memória, contadas e recontadas ao longo dos tempos, transmitidas de geração em geração, quando passam a fazer parte da história do nativo e a conferir-lhe identidade, dão lugar a uma espécie de “crônica literária”.

Na opinião de Momaday, esse legado oral começou com os seus antepassados índios há cerca de vinte cinco mil anos. Tratava-se de caçadores nômadas que se foram dispersando rapidamente por todo o Continente Americano. Sabiam como fazer fogo e utensílios e viviam também “(...) in the element of language” (14). Deste modo, o escritor entende que a Literatura Americana começa com a primeira percepção humana do cenário americano, expressa através de e impressa na linguagem. Momaday finaliza o raciocínio com a asserção: “*Literature* we take commonly to comprehend more than writing. If writing means visible constructions within a framework of alphabets, it is not more than six or seven thousand years old. Language, and in it the formation of that cultural record which is literature, is immeasurably older” (Momaday, 1997: 14, ênfase original). Sendo assim, a tradição oral é o alicerce e a pedra basilar da Literatura e teve início com os primeiros contadores de histórias e cantores.

No prefácio de *The Man Made of Words*, Momaday vê-se como um *storyteller* que tem como incumbência sagrada partilhar com os leitores as reflexões e as experiências significativas da sua jornada, sustentadas sempre pela filosofia, misticismo e riqueza “literária” da sua comunidade tribal, como comprovam os diversos textos que compõem *The Man Made of Words*. Para o autor, nada é mais importante na vida do que a capacidade de transmitir histórias passadas e presentes, visto que “storytelling is the life’s blood of the society” (Morgan, 1997: 47). Dessa forma, para o autor, o sujeito só começa a “existir” a partir da linguagem, a qual lhe permite estruturar o pensamento, exprimir ideias, emoções, sentimentos, comunicar experiências e transmitir os seus saberes. A linguagem cumpre ainda, entre outras, uma função expressiva, descritiva, estética, argumentativa, discursiva. Por isso é que Momaday refere: “In the history of the world nothing has been more powerful than that ancient and irresistible tradition of *vox humana* (Momaday, 1997: 81, ênfase original). Em suma, a vida do homem é moldada a partir das palavras enunciadas, como se infere da fala do escritor: “[The language] holds the limits of our development. We cannot supersede it. We can exist within the development of language but not without. The more deeply you can become involved in language, the more fully we can exist” (Schubnell, 1997: 86).

Na continuação do pensamento anterior, Momaday adverte ainda o leitor que a obra *The Man Made of Words* não é uma compilação de textos ao acaso, mas, à

semelhança da tradição oral de *storytelling*, cada um faz parte de um intrincado mas coeso desenho no qual “The design is the very information of language, that miracle of symbols and sounds that enable us to think, and therefore to define ourselves as human beings” (Momaday, 1997: 1). Numa passagem posterior e na mesma linha de pensamento, Momaday defende que o homem se realiza na linguagem e apenas nela. É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito porque só a linguagem alicerça a realidade do Ser. Isto é, o homem começa por ser uma ideia, uma ideia que tem dele próprio. Só quando o homem se consubstancia nessa ideia e a ideia se concretiza na linguagem é que o homem atinge a plena realização da sua natureza humana pelo produto da imaginação (o aspeto criativo da linguagem), pela arte, pelo “*storytelling*” ou pela “Literatura”, no seu sentido mais abrangente. Momaday diz ainda: “We exist in the element of language“, já que pensar poderá ser considerado falar conosco. Prosseguindo, acrescenta “Language is necessary to thought, and thought (as it is manifested in language) distinguishes us humans from all other creatures” (Momaday, 1997: 2).

## 6- Considerações finais

Desse modo, Momaday parte da capacidade humana para criar a linguagem e concebe uma equação para ligar o começo do pensamento humano à tradição oral e esta, por sua vez, à Literatura. Nessa equação, a linguagem é equiparada ao pensamento, o pensamento à imaginação, a imaginação às histórias e as histórias ao narrador de histórias, elemento essencial da Literatura Nativo-americana. A essência da narração de histórias é imaginativa e criativa, “It is an act by which man strives to realize his capacity for wonder, meaning and delight. It is also a process in which man invests and preserves himself in the context of ideas. Man tells stories in order to understand his experience, whatever it may be” (Momaday, 1997: 2). Através da narração, o narrador traz à superfície os seus desejos individuais e os desejos coletivos, a sua identidade marcada na fala, nos gestos, nas onomatopeias, nas entoações de voz, entre outros aspetos. Isto é, a narração permite que o sujeito se repense e reorganize, por meio do legado histórico e literário, possibilitando a realização da sua imortalidade.

Momaday comprova a eficácia da linguagem e o poder das palavras, servindo-se de um conto tradicional Kiowa “The Arrowmaker”, (o primeiro conto que Momaday ouviu em criança e que foi recontado inúmeras vezes pelo pai, a seu pedido), incluído na parte um de *The Man Made of Words*. O “arrowmaker” simboliza o “homem feito de palavras”. Nesta lenda, as vidas de um fabricante de flechas e da sua mulher estão dependentes do efeito de algumas palavras proferidas por ele. Acontece que um fabricante de flechas, enquanto está a endireitar uma flecha com os dentes dentro do seu *tipi*, consegue identificar e matar o inimigo escondido, que está a espreitar do lado de fora. É a

ignorância da língua Kiowa pelo inimigo, que o impede de compreender o aviso do fabricante de flechas. Citamos:

Once there was a man and his wife. They were alone at night in his tipi. By the light of a fire the man was making arrows. After a while he caught sight of something. There was a small opening in the tipi where two hides had been sewn together. Someone was there on the outside, looking in. The man went on with his work, but he said to his wife, "Someone is standing outside. Do not be afraid. Let us talk easily, as of ordinary things." He took up an arrow and straightened it in his teeth; then as it was right for him to do, he drew it to the bow and took aim, first in this direction and then in that. And all the while he was talking, as if to his wife. But this is how he spoke: "I know that you are there on the outsider, for I can feel your eyes upon me. If you are a Kiowa, you will understand what I am saying, and you will speak your name". But there was no answer, and the man went on in the same way, pointing the arrow all around. At last his aim fell upon the place where his enemy stood, and he let go of the string. The arrow went straight to the enemy's heart. (Momaday, 1997: 10-11).

A agilidade mental e a capacidade de sobrevivência estão codificadas nas palavras do *arrowmaker*, tal como os seus dentes deixam uma marca oral na história da flecha, como atesta a história: "If an arrow is well made, it will have tooth marks upon it" (Momaday, 1997: 9). O poder da linguagem está bem expresso nesta lenda, tal como Momaday explica: "The point of the story lies not so much in what the arrowmaker does, but in what he says – and, indeed, *that* he says it. The principal fact is that he speaks, and in so doing, he places his very life in balance" (Momaday, 1997: 10, ênfase original). O uso da linguagem é o elemento da história que interessa realmente a Momaday, na medida em que promove a restauração do equilíbrio face à ameaça exterior. É aqui que se toma consciência do real valor do ato da fala, aproximando-nos da origem e da finalidade da Literatura. Portanto, o *arrowmaker* é "o homem feito de palavras", "o símbolo da crença do nativo-americano no poder da linguagem", que estabelece a ligação intrínseca entre linguagem e Literatura. "O homem feito de palavras" é, como Robert Warrior salienta, "a necessary stopping place in situating Momaday's relationship to language, literature and the natural world" (2005: 171). A língua define o *arrowmaker*, e a sua história define a experiência literária do leitor. A partir daí poderemos reavaliar quem fomos, quem somos e quem poderemos ser na dimensão das palavras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbott, Lee (1997). An Interview with N. Scott Momaday. In Mathias Schubnell (Ed. and introd.). *Conversations with N. Scott Momaday*. Jackson: University Press of Mississippi: 19-35.
- Bataille, Gretchen (1997). An Interview with N. Scott Momaday. In Mathias Schubnell (Ed. and introd.). *Conversations with N. Scott Momaday*. Jackson: University Press of Mississippi: 57-66.
- Coulombe, J. L. (2011). *Reading Native American Literature*. New York: Routledge.
- Bruchac, Joseph (1997). The Magic of Words: An Interview with N. Scott Momaday. In Mathias Schubnell (Ed. and introd.). *Conversations with N. Scott Momaday*. Jackson: University Press of Mississippi: 96-110.
- Givens, Bettye (1997). A Mellus Interview: N. Scott Momaday – A Slant of Light. In Mathias Schubnell (Ed. and introd.). *Conversations with N. Scott Momaday*. Jackson: University Press of Mississippi: 87-95.
- Mancelos, João de (2005). “A Língua do invasor e a Língua da Poesia: Joy harjo e o Desconforto da Linguagem”. *Hélio Osvaldo Alves: O Guardador de Rios*. Org. Joanne Paisana. Braga: Centro de estudos Humanísticos, Universidade do Minho: 183-189.
- Momaday, N. Scott (1997). *The Man Made of Words*. New York: St. Martin’s Press.
- Morgan, Wm. T. Jr. (1997). N. Scott Momaday. In Mathias Schubnell (Ed. and introd.). *Conversations with N. Scott Momaday*. Jackson: University Press of Mississippi: 45-56.
- Owens, Louis (1997). N. Scott Momaday. In Mathias Schubnell (Ed. and introd.) *Conversations with N. Scott Momaday*. Jackson: University Press of Mississippi: 178-191.
- Schubnell, Mathias (Ed. And Introd.) (1997). An Interview with N. Scott Momaday. *Conversations with N. Scott. Momaday*. Mississippi: University Press of Mississippi: 67-86.
- Warrior, R. (2005). *The People and the Word*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Weaver, J. (2008). The Mystery of Language: N. Scott Momaday, an Appreciation. *Studies in American Indian Literature*. 20(4): 76-87.

Recebido: 24 de março de 2014.

Aceite: 26 de julho de 2014.